

Casa: a assimilação cultural do espaço moderno em Belém/PA.

House: The cultural assimilation of the modern space in Belém, PA.

Rodrigo Augusto de Lima*, Celma Chaves**

*Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFPA (2019) e graduado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFPA (2010). Colaborador do LAHCA-FAU/UFPA e do Coletivo "Cultura Arquitetônica, Amazônia e Modernidade" (CAAM), rodrigoade.lima10@gmail.com

**Doutorado em Teoria e História da Arquitetura pela ETSAB/UPC (2005). Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPA); Coordenadora do Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica (LAHCA); Líder do grupo Arquitetura, Cultura e Modernidade, celma_chaves@hotmail.com

usjt
arq.urb

número30 | jan-abr de 2021

Recebido: 16/09/2020

Aceito: 20/01/2021

DOI: [10.37916/arq.urb.vi30.471](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi30.471)



Palavras-chave:

Arquitetura moderna.
Casas.
Assimilação.
Belém.

Keywords:

Modern architecture.
Houses.
Assimilation.
Belém.

Resumo

A produção de casas modernas iniciada por engenheiros na cidade de Belém atraiu a elite de comerciantes e profissionais liberais em ascensão econômica, mas também a classe média. A casa se tornou a representação e a legitimação social que disseminou os elementos arquitetônicos, estruturais e estéticos nas novas tipologias residenciais construídas. O presente artigo tem como objetivo analisar a assimilação de elementos, soluções espaciais e formas da arquitetura moderna nessas casas, realizada por meio de levantamento físico, fotográfico, bibliográfico e entrevistas com seus proprietários ou moradores. Identificou-se nos exemplares estudados, elementos formais e estéticos da arquitetura moderna em uma diversidade de interpretações de seus autores, em função das novas necessidades surgidas e da popularização do uso de certos materiais, como os fragmentos de azulejos, constatando-se a necessidade de ampliar o estudo desses exemplares, para melhor compreender essa outra face da expressão do moderno em Belém.

Abstract

The production of modern houses initiated by engineers in the city of Belém attracted the elite of merchants and liberal professionals in economic growth, even as the middle class. The house became the social representation and legitimation and also disseminated the architectural, structural and aesthetic elements in the new residential typologies built. The article aims to analyze the assimilation of elements, spatial solutions and forms of modern architecture in these houses, accomplished through physical survey, photography, literature and interviews with their owners or residents. In the examples studied the formal and aesthetic elements of modern architecture were identified in a variety of interpretations by their authors, due to new needs and the popularization of the use of certain materials, such as tile fragments, verifying the need to expand the study of these specimens to better understand this other face of the expression of the modern in Belém.

Introdução

Na década de 1930 o Brasil experimentava um momento economicamente favorável, resultando em ações governamentais de modernização do Estado sob o comando de Getúlio Vargas. Buscava-se renovar, entre outros âmbitos, as edificações institucionais aderindo-se às formas e soluções da arquitetura moderna, primeira-mente na capital federal, Rio de Janeiro, e posteriormente, alcançando capitais de outras regiões como Belém.

O incentivo governamental ao processo de modernização da cidade de Belém possibilitou a inserção de novas experiências de produção do espaço construído, o que se verificou também nos modos de conceber o espaço da moradia que, paulatinamente, foi adotando tipologias modernas como o edifício em altura. Em paralelo, novas arquiteturas em moradias unifamiliares passaram a ser atualizadas às normas cultas da modernidade referenciada formalmente nas casas da arquitetura moderna brasileira. O engenheiro e depois arquiteto, Camilo Porto de Oliveira foi oportuna voz e expoente indiscutível de uma nova burguesia abastada que possibilitou a visibilidade de suas obras.

Estas casas tornaram-se símbolos de prosperidade social desse grupo, e ao mesmo tempo, aspiração de outros de menor poder aquisitivo, porém não menos engajados em ter sua “casa moderna”, contribuindo, dessa forma, para certa popularização dessa linguagem em diversos bairros da cidade de Belém.

A partir de pesquisa empírica buscou-se a identificação e registros dessas casas, assim como de seus proprietários e/ou moradores, o que permitiu a realização de levantamento arquitetônico, redesenho e entrevistas de alguns exemplares, com o objetivo de compreender seus processos de concepção, construção e presença de elementos figurativos que a compõem ou as alterações apresentadas ao longo do tempo.

O presente artigo apresenta parte dos resultados da dissertação realizada no Programa de Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, intitulada “As variações do morar moderno e a assimilação da arquitetura moderna em residências de Belém entre as décadas de 1950 e 1970”, cuja defesa ocorreu em 2019.

A constituição da arquitetura moderna residencial em Belém

O processo de modernização ocorrido em Belém não foi baseado na instalação de indústrias de base que viabilizassem o desenvolvimento e modernização da cidade, mas em iniciativas públicas, e no capital remanescente dos antigos comerciantes que buscaram investir nos primeiros edifícios na Avenida Presidente Vargas. A valorização dos terrenos situados nessa avenida, que se tornou o principal eixo do crescimento em altura e de onde essa modernização se estende para os bairros fronteiriços (CHAVES, 2004, p. 146), com isso houve contribuição fundamental para a transformação da fisionomia dessa avenida.

Ademais, os incentivos estatais à modernização urbana foram estabelecidos em forma de lei, como o decreto-lei nº 166 de 03 de novembro de 1943 que autorizou a elaboração do Plano Urbanístico da Cidade, bem como a lei nº 3450 de 6 de outubro de 1956 de incentivo à verticalização (VIDAL, 2008, p. 147).

Nesta demanda pelas novas construções destacamos a atuação dos engenheiros, pioneiros na projeção de arquitetura moderna em Belém nos anos 1940 e 1950. A produção de residências modernas dos anos 1940 e 1950 em Belém foi, inicialmente, uma demanda de grupos sociais constituídos por comerciantes, empresários e profissionais liberais que ascenderam economicamente ou eram famílias tradicionais buscando recuperar sua posição na sociedade depois do declínio da economia da borracha (CHAVES, 2012, p. 3).

Nesse cenário de transformações, as casas modernas se tornaram o objeto de desejo para uma elite privilegiada que podia pagar por elas. Toma-se, assim, a arquitetura como um meio de representatividade social e de transformação da estética na paisagem urbana.

Da mesma forma que essa cultura da arquitetura moderna residencial contribuiu para a construção de certa identidade nesses grupos sociais, simultaneamente, distinguem-se outros grupos, excluídos desses espaços, físicos ou simbólicos da cidade, e que não possuíam condições materiais para contratação de um arquiteto ou engenheiro para construir suas casas. Análogo ao processo de conflito que Canclini (1990, p. 264) aponta como “hibridação cultural”, na qual o moderno distinguiu o direito à cultura, em que as artes e as grandes obras, incluindo a arquitetura, são designadas aos “cultos”, e para o “popular”, destina-se ao folclore ou algo sem o devido rebuscamento, havendo a ruptura ao mesmo tempo em que há uma mistura dos sistemas culturais e desterritorialização do processo simbólico. Com isso, quis dizer

o autor que há uma perda da relação natural das culturas com os territórios geográficos e sociais (...), que mesmo com os intercâmbios entre os simbólicos tradicionais e os circuitos internacionais, não desaparecem os conflitos e as perguntas sobre a identidade e a nacional (CANCLINI, 1900, p. 294). Chega-se, assim, como afirma, a vários processos desiguais e combinados de modernização, e não uma única modernidade (CANCLINI, 1990, p.146).

Em Belém, esses processos se dão, de certa forma, nessa representação social por meio da arquitetura moderna na classe média alta, disseminando um ideal de modernidade que passa a ser desejado pelas classes de menor poder aquisitivo, ocasionando, segundo Lara (2002, p. 1) em situações análogas, uma intensa apropriação popular desta estética modernista, produzindo uma diversidade de representações arquitetônicas em obras residenciais.

Apontamentos sobre o erudito e o popular na arquitetura moderna

A discussão teórico-prática sobre o erudito na arquitetura moderna vem desde os primeiros debates e dos fundamentos da “nova” arquitetura na Europa (ROSSI, 2015, p. 7) e posteriormente no Brasil. Porém, as narrativas históricas de arquitetura priorizaram em seus registros e publicações, obras de técnicos acadêmicos eruditos, acabando por excluir a produção popular de arquitetura.

A arquitetura erudita no Brasil, segundo Weimer (2012, p. 26) está ligada à formação técnica-acadêmica que, por esse motivo, se sobrepõe à produção da arquitetura popular por esta ter, por princípio, a simples necessidade do abrigo, sem quaisquer aspectos tecnológicos e/ou estéticos. O autor então considera a produção de Zanine Caldas, com sua notória capacidade intuitiva, que se destacou em Brasília como “fazedor” de maquetes e comprador de materiais de demolição para a composição de suas casas “estranhas” à revelia da métrica acadêmica, e certo menosprezo crítico dos arquitetos *modernos* sobre as qualidades de suas obras, mas que se incorporou no fazer arquitetônico nacional com um arquiteto de notável expressão (WEIMER, 2002, p.313).

Em relação às manifestações de apropriação da estética modernista na arquitetura publicitada intensamente pelo governo federal, consideramos que veio atender às elites locais nos anos 1950, as quais podiam custear a prática desta arquitetura moderna, tornando-a signo de *glamour* e *status* (LARA, 2005, p.180). Processo se-

melhante ocorreu em Belém, onde grupos sociais oriundos da elite tradicional e de uma nova burguesia composta de comerciantes e profissionais liberais formaram a principal clientela consumidora da arquitetura moderna erudita.

Em estudos realizados por Lara (2002, p.1) foi constatado também que esta apropriação popular se expressava como uma “modernidade de fachada”. Deste modo, as casas apresentavam construções e reformas com a adição de elementos estético-formais modernistas, sendo produzida por não-técnicos, trabalhadores pouco qualificados como construtores e desenhistas. Muitas vezes, segundo entrevistas concedidas ao autor, a casa havia sido projetada por um parente ou amigo que era formado ou era concluinte do curso de arquitetura ou engenharia. Existia nessa dinâmica, sinais de “contaminação” dessa linguagem pela vizinhança seguindo o perímetro da rua, por meio da repetição dos elementos compositivos das casas (LARA, 2005, p.180).

Este fenômeno de apropriação popular da arquitetura moderna já foi denominado de *kitsch* (GUIMARÃES e CAVALCANTI, 2006 p. 19; MARTINS, 2010, p.160), que reduziu sua relevância como contribuição à história da arquitetura nacional, mas também pode ser visto como o contraponto transgressor de aspiração e prosperidade de uma classe média em contínua ascensão sociocultural. A apropriação popular apontada por Lara (2002/2005) em Belo Horizonte e Guimarães e Cavalcanti (2006) no Rio de Janeiro, foi observada na assimilação da arquitetura moderna na representação arquitetônica de casas em Belém, que apresenta uma produção expressiva de obras de arquitetura moderna de iniciativa erudita e popular.

A arquitetura moderna superou, assim, as limitações monetárias e deste modo foi incorporada por outras camadas da sociedade. Esta demanda popular buscava atualizar e adaptar-se à nova estética da arquitetura e isto se reproduziu em seu espaço de moradia, podendo ser notada nas inúmeras residências. Isto evidencia uma identificação com a estética modernista por meio da *reapropriação* de elementos estético-formais da arquitetura moderna brasileira presentes nas fachadas das casas de classe média (LARA, 2018, p.43)

Lara (2018, p.118) aponta como pouco é evidenciado ou até nulo o registro desta apropriação popular da arquitetura moderna brasileira na historiografia, e ainda ressalta a importância da investigação deste fenômeno como contribuição para a literatura sobre a arquitetura no século XX.

Desta forma, a tipologia arquitetônica “casa” torna-se um dos principais meios de assimilação da linguagem da arquitetura moderna brasileira. Alguns elementos dessa linguagem, como o racionalismo do partido arquitetônico, os afastamentos do limite do terreno, a dimensão generosa do terreno e a presença de jardim, foram observados em exemplares em Belém. Além de elementos estético-formais, como a presença de pilotis e elementos vazados na fachada que promovem uma maior relação entre os ambientes internos e o externo. Esses aspectos se tornaram uma categoria de análise deste estudo, sendo encontrados nos projetos de casas deli-nhas modernas produzidos pelos engenheiros e arquitetos na cidade.

Porém, os produtores dessa arquitetura não foram somente os técnicos acadêmi-cos, engenheiros e arquitetos, mas também os próprios futuros moradores e/ou pro-prietários que se aventuraram entre a necessidade de morar e a possibilidade de se integrar a esse movimento arquitetônico bastante divulgado nos meios de informa-ção da época, como os jornais. Desta forma, adotar esse tipo de moradia converteu-se em uma prática corrente, flexibilizando os usos das referências modernas, e dis-seminando-os nas áreas não assistidas pelos técnicos acadêmicos em cidades grandes e médias, assimilando-se parte desse repertório estético arquitetônico, que eram reproduzidos em fachadas de residências, enriquecendo ainda mais as pos-sibilidades de expressão dessa arquitetura.

A casa em Belém: do moderno erudito à moderna arquitetura espontânea

Na produção arquitetônica de casas modernistas em Belém, destacam-se a atua-ção do engenheiro português Laurindo Amorim e seu projeto da casa “Gabbay” (1954) (Figura 1) e do engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira, que a partir da construção de uma das primeiras casas com referências modernas, a casa “Moura Ribeiro” (1949) (Figura 2), impulsiona essa linguagem na cidade. Esta resi-dência sedestaca pela concepção formal e elementos construtivos, de maneira a atender aexpectativa de seus clientes, adequando-a ao contexto regional. Observa-mos a im-plantação no terreno com afastamentos laterais, promovendo melhor cir-culação do ar, incluindo a utilização de *brise soleil* e cobogós para protegê-la da in-solação e utilização da elevação de piso para conter a umidade do solo (CHAVES; DIAS,2016, p.3). Camilo Porto de Oliveira torna-se, a partir desse momento, a prin-cipal referência da arquitetura residencial moderna em Belém, onde projetou e cons-

truiu ainda a casa “Belisário Dias” (1954) (Figura 2), rica composição de elementos estético-estruturais no conjunto formal e funcional da obra.



Figura 1: Casa Gabbay (1954). Fonte: Rodrigo de Lima (2020)

Nos anos 1960 a exemplo da casa “Coelho” (1965) (Figura 2), Porto de Oliveira aposta em elementos de fachada, como platibandas em plano reto e plano inclinado, janelas com venezianas e uma grande diversidade de texturas aplicadas, entre pedras e revestimentos cerâmicos, além de uma maior simplicidade e regularidade da forma na composição de seus projetos (Dias *et al.*,2017, p.15).

Quanto à apropriação do referentes modernos em Belém, observa-se sua expres-são inicial nas fachadas das casas denominadas popularmente de *raio-que-o-partá*, in-corporando composição de mosaicos de azulejos, em sua maioria com desenhosem forma de raios (Figura 3). Segundo Costa (2015, p. 39), os estudos sobre essetipo de manifestação arquitetônica, indicam que se tratava de uma apro-priação es-tética da arquitetura moderna no estado do Pará, em residências de classe médiaocorrida entre as décadas de 1940 e 1950.

Casa Moura Ribeiro (1949)



Fachada Atual



Planta-baixa Térreo

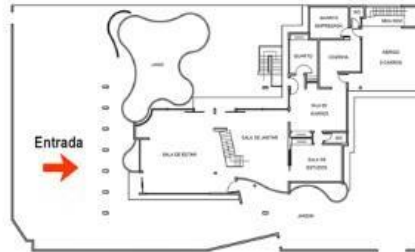


Planta-baixa Superior

Casa Belisário Dias (1954)



Fachada Atual



Planta-baixa Térreo



Planta-baixa Superior

Casa Coelho (1965)



Fachada Atual



Planta-baixa Térreo



Planta-baixa Superior

Figura 2: Casas do engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira. Fonte: Rodrigo de Lima e LAHCA-UFPA (2020).

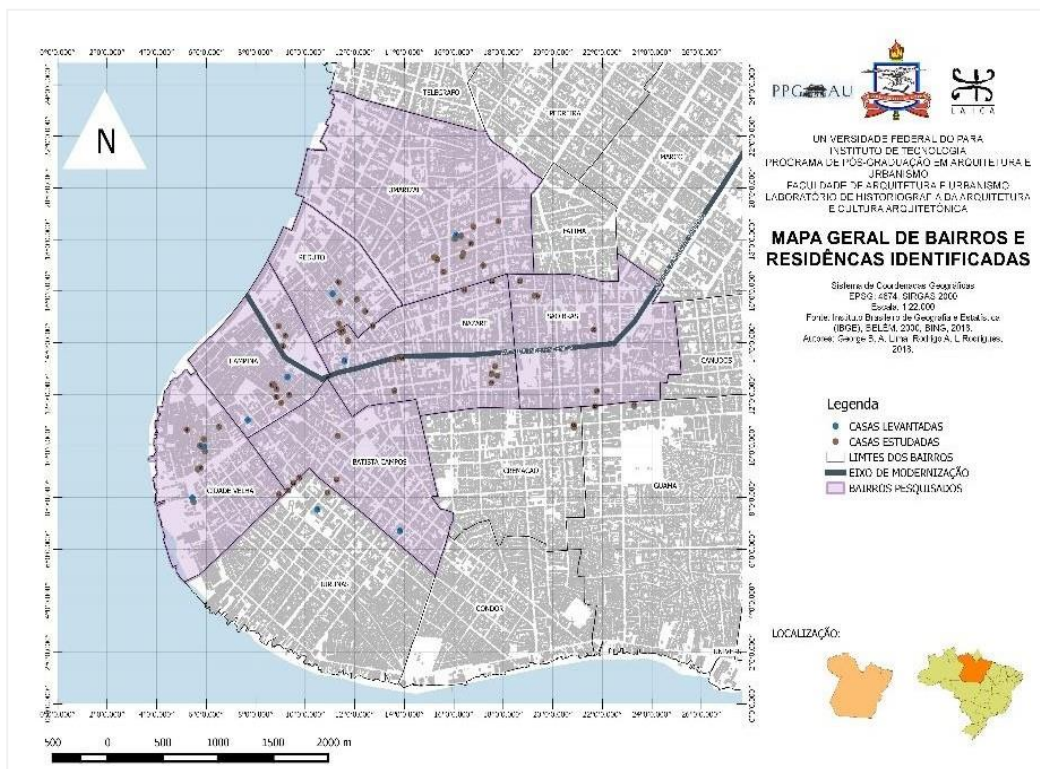


Figura 4: Mapa geral de bairros, residências estudadas e eixo de modernização. Fonte: Adaptado de IBGE por Rodrigo de Lima e George Lima (2019).

Para o estudo das casas analisadas neste artigo foi realizado mapeamento com o intuito de identificar a presença de elementos estético-formais em seus partidos, de maneira integral e/ou parcialmente, notando a existência da disseminação dessa arquitetura do século XX, ainda presente nos sete bairros selecionados na cidade de Belém. Posteriormente, e na medida em que pôde obter mais informações e ter acesso às casas, realizar levantamento físico, exterior e interior para melhor compreender aspectos de sua concepção espacial. Dessa maneira, foi possível observar que a apropriação popular da arquitetura moderna nas residências ocorre de várias formas. Primeiro, pela simplicidade formal do partido arquitetônico, assim como pela eleição de alguns elementos formais para destaque, além de detalhes ornamentais como os mosaicos coloridos de azulejos que revestem as fachadas de algumas dessas residências.

As linhas modernas se tornaram mais frequentes nas novas construções, como um símbolo de prosperidade e realização pessoal. A modernidade nessa arquitetura mostrou inicialmente a quem servia, distinguindo quem tinha acesso a ela e proporcionando processos desiguais e díspares nos bairros da cidade segregadas economicamente, criando, dessa forma, um cenário irreal e fragmentado de uma cidade moderna.

Constatou-se que as formas, elementos e soluções modernas da arquitetura erudita chegaram a Belém pelos edifícios institucionais que começaram a ser construídos desde a década de 1930. No final dos anos 1940, consuma-se essa expectativa com a residência Moura Ribeiro (1949) do engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira.

Identificar, mapear e registrar: a trajetória de apropriação do moderno nas residências estudadas

O mapeamento das casas no bairro da Campina iniciou-se com o levantamento de um conjunto de casas, permitindo a percepção de uma quantidade significativa de exemplares dessa tipologia de referências à arquitetura moderna brasileira e local. Para isso delimitamos o recorte temporal, entre as décadas de 1950 e 1970, definido em função das informações levantadas no mapeamento prévio, o que confirmou que a construção de parte dessas casas havia sido realizada entre as duas décadas.

A partir desse entendimento, definiu-se como direcionamento inicial de levantamento o “eixo da modernização” da cidade apontado por Vidal (2016, p.8). Primeiramente, na porção central, cujo principal eixo foi a Avenida Presidente Vargas (antiga avenida 15 de Agosto), desenvolvendo-se em direção às Avenidas Nazaré e Magalhães Barata, situando-se ao longo da Avenida Almirante Barroso (antiga Tito Franco). A partir desta definição, o mapeamento baseou-se na localização do “eixo de modernização” e em expandi-lo para áreas próximas ao centro da cidade em busca dos registros de exemplares de arquitetura moderna para o estudo de campo (Figura 4).

Os primeiros bairros selecionados foram os da Cidade Velha, Reduto e posteriormente, Batista Campos, Nazaré, Umarizal e São Brás, totalizando em sete os bairros definidos para o levantamento e registro. A identificação das obras de referências modernas presentes nestes bairros nos instigou a realizar estudos sobre suas representações e conhecer exemplares ainda não contemplados pela historiografia.

Os registros dos exemplares foram feitos por meio de um levantamento fotográfico a partir do roteiro e do estudo dos elementos da arquitetura moderna erudita, que resultou em um conjunto significativo de 74 exemplares de referência moderna nos sete bairros estudados (Figura 4), quando verificou-se como se deu a assimilação e a apropriação dos elementos modernos nessa arquitetura.

Após esses levantamentos e seleção dos exemplares, foi realizada pesquisa nos livros de registros do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – seção Pará para verificação de autorias de obras, e questionários com proprietários na busca de dados sobre a construção das casas. Estas informações contribuíram para seleção de dezoito exemplares representativos para este estudo de arquitetura moderna residencial. Para este artigo, as análises consideram elementos compositivos externos: partido arquitetônico, fachada e revestimentos; e soluções internas: espacialidade e programa arquitetônico.

Elementos compositivos externos

O que diferencia inicialmente essas casas na paisagem da cidade, especialmente aquelas localizadas em bairros históricos, é o impacto de suas formas e elementos compositivos expressas no seu partido arquitetônico. No bairro da Cidade Velha foi

possível identificar partidos com similaridades formais (Figura 5) como o volumetra-
pezoidal do segundo pavimento com platibanda e elementos vazados, como na
casa da Avenida Almirante Tamandaré nº 211 (dec. 1950) e na casa da rua Arsenal
nº885 (dec. 1960), onde se destaca o gradil com o elemento *kitsch* que remete aos
pilares do Palácio da Alvorada. Identificamos diversas casas com fachadas oblíquas
com telhados com platibandas em V, e também grandes aberturas em esquadrias
em vidro e soluções de partido retangular privilegiando o lote de esquina (Figura 6),
como no caso das casas na rua Dr. Malcher nº 376 (1969) e na rua Arsenal nº 929.



Figura 5: Casas na Avenida Almirante Tamandaré, 211 (dec. 1950) e Rua Arsenal, 885 (dec. 1960).
Fonte: Rodrigo de Lima (2017).



Figura 6: Casas na Rua Dr. Malcher, 376 (1969) e Rua Arsenal, 929 (indeterminado). Fonte: Rodrigo deLima (2017).

No que se refere ao entorno, o bairro da Campina apresentou exemplares com ele-
mentos apropriados tanto do moderno erudito, quanto da espontaneidade do popu-
lar, como nos encontrados na travessa Frutuoso Guimarães. Neste aspecto, há dois
exemplares com a eleição do volume do segundo pavimento, que se destaca o
corpo do edifício, com rica composição de revestimentos de variadas formas e co-
res, conjuntamente com os elementos vazadas, como os cobogós que promovem
destaque maior ao edifício presente nas casas números 648 e 653 (Figura 7).



Figura 7: Casas na travessa Frutuoso Guimarães, 648 e 653. Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

A terceira casa, número 708 (Figura 8), apresenta o lote três vezes maior que as vizinhas, referências da arquitetura moderna como o partido arquitetônico robusto implantado em generoso terreno, pouco comum no bairro. O partido arquitetônico em dois pavimentos com ampla varanda frente aos dormitórios com robustez de platibanda que avança além do limite do piso, apoiada por paredes laterais e pilar inclinados ao limite da platibanda, muito similar às obras produzidas por Porto de Oliveira no final dos anos 1960.



Figura 8: Casa na travessa Frutuoso Guimarães, 708. Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Outra característica identificada foi o emprego de revestimentos nas fachadas das casas. Esse aspecto assimilado do moderno encontra-se na casa térrea da travessa dos Tupinambás, 275 (1) (Figura 9), no bairro de Batista Campos, projeto e construção do engenheiro e arquiteto Milton Monte, de 1953. Esta apresenta um pórtico de entrada assimétrico revestido de mosaico composto de pedaços de azulejos coloridos, com empena e beiral do telhado aparente, a ventilação de forro é feita por venezianas em concreto tanto na porção anterior do partido, quanto na porção posterior. Os mosaicos de azulejos, com as representações de raios e bumerangues típicos do *raio-que-o-parta*, também são encontrados em casas de dois pavimentos em composição com elementos vazados, como *brises*, como no caso da rua Arcipreste Manoel Teodoro, 30 (2) (Bairro de Batista Campos) e na rua Boaventura da Silva, 1594 (3) (Bairro do Umarizal) (Figura 9).

Os revestimentos foram utilizados de forma mais regular e em cores para ressaltar as formas modernas do partido arquitetônico (Figura 10), identificados na rua Domingos Marreiros, 875 (1) (Bairro do Umarizal) na composição de tons azuis e terrosos, assim como na casa na avenida Nossa Senhora de Nazaré, 741 (2) (bairro de Nazaré). Na rua Antônio Barreto, 790 (3) (Bairro do Umarizal), podemos notar as evidências do moderno, de projeto e construção do engenheiro civil Mário Penna Araújo em 1963 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA/PA, 1963).



Figura 9: Casas modernistas e os revestimentos em mosaicos de azulejos. Fonte: Rodrigo de Lima (2018)



Figura 10: Casas modernistas e os revestimentos de forma regular na fachada. Fonte: Rodrigo de Lima(2018)

A produção da arquitetura moderna não foi tarefa apenas aos técnicos acadêmicos, arquitetos e engenheiros, como relatado em estudos de Lara (2002/2005/2018), Guimarães e Cavalcanti (2006) e Costa (2015), mas também na capacidade popular de produzir uma arquitetura, à sua maneira, moderna. Foi possível por meio de estudo de campo notar as casas com as características do moderno e, posteriormente, ao aplicarmos questionários junto aos proprietários, ocorreu algo inesperado: casas com uma execução aparentemente realizada por técnicos que são de produção popular. Casas de dois pavimentos e com volumetrias robustas e prismáticas, comelementos estruturais bem definidos e compositivos de fachada, similares aos presentes em projeto arquitetônicos técnico-acadêmicos. Enquadradas nestes aspectos encontramos a casa “Sodré” na rua Avertano Rocha, n°358, no bairro da Campina, de autoria de seu proprietário o Oficial do Exército Brasileiro Florival Sodré em 1962 (Figura 11). Foi possível detectar em seu programa arquitetônico os recuos frontal e lateral com jardim, abrigo para automóveis e volumetria com pilares em forma triangular que suporta o volume do segundo pavimento com borda de marcação retangular sobressaindo ao partido do edifício e a platibanda na cobertura.

Localizou-se também na avenida Gentil Bittencourt, 2450, no bairro de São Brás, a casa projetada pelo artista-escultor Antônio Pereira da Costa em 1965 (3) (Figura 12). Esta residência de dois pavimentos, imponente pela altura, possui os elementos estruturais ressaltados pelas dimensões e revestimentos. Os gradis do segundo pavimento apresentam desenho *kitsch* que remete às colunas do Palácio da Alvo-



Figura 11: Casa “Sodré” (1962). Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

A casa “Romariz” localizada na travessa Doutor Moraes, nº 34, no bairro de Nazaré, é de autoria do desenhista Dimitri Romariz para a família na década de 1960 (2) (Figura 13). Esta apresenta partido arquitetônico em jogo volumétrico de formascúbicas, hierarquizando-se em três planos visuais, com destaque para o volume da platibanda, janela deslizante em fita e peitoril em acabamento em pedra, portas deslizantes em vidro e venezianas, além do pilar robusto com acabamento em pedra.



Figura 12: Casa “Costa” (1965). Fonte: Rodrigo de Lima (2018).



Figura 13: Casa "Romariz" (dec. 1960). Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Soluções internas: espacialidade e programa arquitetônico

Com fins de compreender o programa arquitetônico adotado em algumas residências e identificar as relações históricas com a arquitetura moderna presente nos exemplares, foram realizados levantamentos físicos e aplicação de questionários com os proprietários e/ou moradores. Os levantamentos físicos seguiram a metodologia de Rovira e Gastón (2007), com as devidas adaptações para o caso de estudo. Desta forma, analisou-se soluções arquitetônicas adotadas na distribuição dos volumes em relação ao programa, identificando as funções de cada ambiente e identificando as áreas correspondentes em planta. Centrou-se também na identificação dos materiais empregados, elementos de vedação, de iluminação, ventilação, e formas, revestimentos e material das fachadas, que nos informaram de aspectos interessantes como a inventividade dos construtores e projetistas anônimos, ou mesmo engenheiros e/ou arquitetos desconhecidos na cidade. Desta maneira, selecionamos três exemplares para este sub-tópico de análise.

A primeira obra é do engenheiro civil Mário Jurandir Reis, a casa "Fortes" de 1958-59 (Figura 14). O programa arquitetônico desta casa de dois pavimentos incluía um jardim e garagem no recuo frontal. O partido arquitetônico com cobertura em duas águas aparentes, o pátio com conjunto de marquises inclinadas e retas com apoios em pilotis metálicos em "V", parede externa no térreo do volume que avança até o limite do pátio com extremidades inclinadas, cuja forma se assemelha a um trapézio. A casa "Fortes" já demonstra um processo de modernização do programa

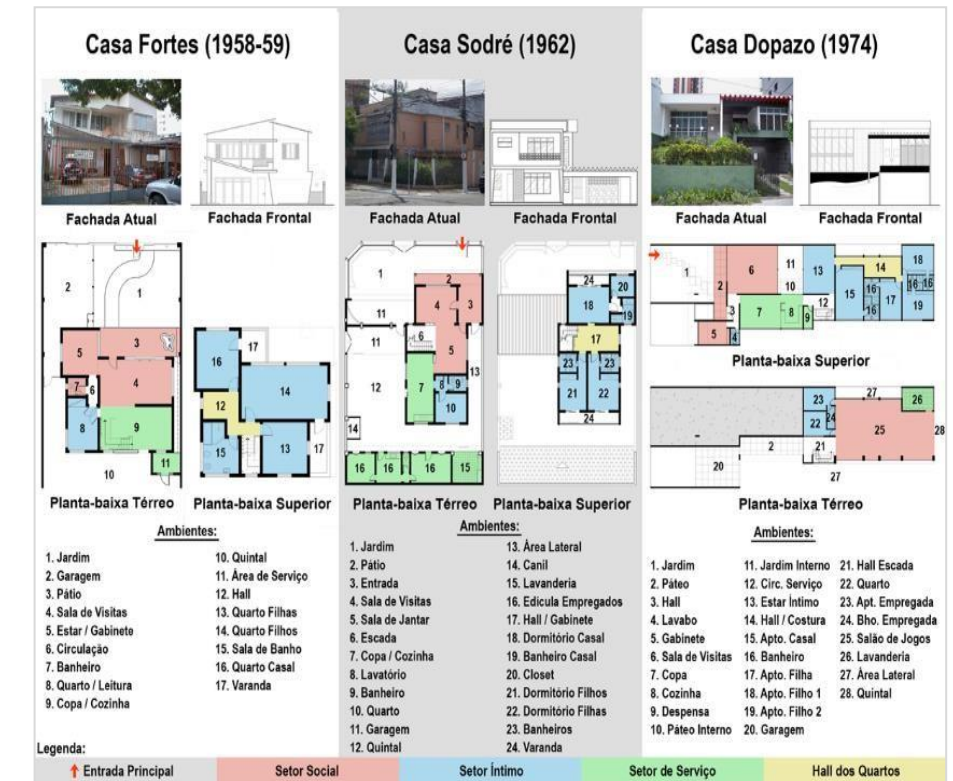


Figura 14: Projetos arquitetônicos de casa modernistas em Belém/PA entre décadas de 1950 a 1970. Fonte: Rodrigo de Lima e Ronaldo Moraes (2020).

A segunda, de autoria do não-técnico Florival Sodré, oficial do exército, a casa "Sodré" de 1962 (Figura 14) possui composição do partido exaltando elementos estruturais, com pilares em formas geométricas triangulares em pilares do partido e no muro, além de enquadramentos de forma retangular do volume do segundo pavimento com balanço e recuo de platibanda. A casa "Sodré" segue os preceitos modernos no seu programa com a integração dos ambientes, mas traz um resquício

do pro-grama colonial da separação do edifício dos padrões e o edifício dos empregados.

A terceira, Casa “Dopazo”, com projeto arquitetônico de 1974 de autoria do arquiteto Delmar Castelo de Souza (Figura 14). A casa, destaca-se pelo lote maiores dimensões que as demais e a elevação do primeiro pavimento, onde se encontra o acesso principal; há outro acesso para o terreno com entrada para veículos. O acesso se inicia pela escadaria para o nível do pátio de entrada, o pequeno *hall*, à direita lavabo e gabinete, à esquerda sala de visitas, jardim e estar íntimo/sala de TV, e em frente à copa/cozinha despensa e hall de serviço/escada para o térreo e conectado ao estar íntimo. A partir deste, há o *hall*/costura que há o acesso as quatro suítes ou apartamentos, esta nomenclatura utilizada do projeto original. O térreo com garagem, salão de jogos, suíte empregada, quarto/depósito e lavanderia. A casa “Dopazo” apresenta uma subtração da circulação e aproxima ainda mais o setor de serviço, a copa/cozinha do setor social e incorporação maior das suítes no programa. Também conservando o perfil senhoril no térreo.

Considerações finais

Constatou-se que a relação da arquitetura erudita com os exemplares da arquitetura popular ou espontânea em Belém, se deu de duas maneiras: primeiro, a erudita como referência para as reformas de fachadas executadas por não-técnicos; segundo, a prática projetual por não-técnicos com certa habilidade com o desenho, que projetaram suas próprias residências em parcerias com técnicos, engenheiros, e por talentos autodidatas para executar. Verificou-se também que as casas em que a produção é de autoria de não-técnicos, são todas com dois pavimentos e com considerável metragem quadrada. Portanto, demonstrou-se neste artigo, que a capacidade de realização dos projetos arquitetônicos modernistas de iniciativa popular não se limitou à simplificação formal ou estética, e sim à certa complexidade na estruturação e quantidade de ambientes atribuídos ao programa.

No estudo realizado, foi possível revelar a atuação de profissionais, técnicos acadêmicos, não contemplados pela historiografia da arquitetura durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, no âmbito da arquitetura “erudita”, como Mário Jurandir Reis, Mário Penna Araújo e Delmar Castelo de Souza, bem como os que desenvolviam

suas atividades e não estavam vinculados a um grupo profissional formal que chamamos de não-técnicos, como Dimitri Romariz, Florival Sodré e Antônio Pereira da Costa.

Outro ponto identificado foi a manifestação artístico-arquitetônica de iniciativa popular decorativa de fachadas denominada “raio-que-o-partá”, com mosaicos de cacos de azulejos, que transitam tanto pela arquitetura popular quanto pela arquitetura erudita, obtendo, assim, um movimento inverso inicialmente proposto do estudo, a adoção dessa técnica popular na composição de técnicos acadêmicos em seus projetos arquitetônicos residenciais.

O mapeamento apontou caracterizações assimiladas da arquitetura moderna unifamiliar em técnicas e composições formais que se disseminaram nos sete bairros pesquisados. As casas identificadas com datas, por meio de questionários aplicados e por pesquisas nos arquivos do CREA/PA, mostraram que a arquitetura moderna, produzida nos anos 1950, foi mais expressiva na quantidade de elementos formais e compositivos, ao passo que nos anos 1960, esses elementos formais ganharam expressões mais individualizadas, principalmente no que se refere a elementos estruturais e funcionais dos partidos dessas obras. Na década de 1970, o partido torna-se o protagonista, pois houve a elevação de níveis topográficos artificialmente para ressaltar a volumetria e lotes com dimensões generosas, permitindo visibilidade e contemplação do edifício.

Percebeu-se que independentemente do bairro estudado, de alguma forma foi possível encontrar pelo menos uma referência da arquitetura moderna nas residências, considerando a localização das mesmas, às proximidades do centro da cidade de Belém, o que nos aponta que o fato de haver infraestrutura instalada foi relevante na construção dessas casas nos bairros estudados, assim como também foi razão para a destruição do antigo para a construção do novo. Os estudos realizados mostraram que esses aspectos foram introduzidos no final de 1940 e são propagados, aperfeiçoados e utilizados até a década de 1970.

Referências

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair de la modernidad. Miguel Hidalgo/Mex: GRIBALDO S.A., 1990.

CHAVES, Celma. Arquitectura en Belém entre 1930 - 1960: Modernización con Lenguajes Cambiantes. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Curso de Arquitectura, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2004.

CHAVES, Celma. Arquitectura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém. Arqtextos, São Paulo, 094.06, Vitruvius ano 08, mar 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revista/read/arqtextos/08.094/161>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CHAVES, Celma. Recepção, particularidades e limites da arquitetura modernista produzida em Belém. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL-ARGENTINA-MÉXICO - 4º Encontro de estudos comparados em Arquitetura e Urbanismo nas Américas - A Circulação das ideias na América Latina: o moderno na Arquitetura e Urbanismo, v. 01. Uberlândia, 2012. Disponível em: <<https://lahcablog.files.wordpress.com/2017/02/cc3b3pia-de-recepc3a7c3a3o-particularidades-e-limites-da-arquiteturamodernista.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

CHAVES, Celma; DIAS, Rebeca. Documentação e Estudo da Arquitetura Residencial Moderna em Belém (1940-1970). In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 11, abr. 2016, Recife. Disponível em: <<http://seminario2016.docomomo.org.br/>>. Acessado em: 15 abr. 2017.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHERIA E AGRONOMIA/PA. Centro de Documentação CREA/PA. Livro de Registro de vistos em Projetos nº 12. Belém, 1963. p.34.

COSTA, Laura Caroline de Carvalho da. Raio que o parta! Assimilações do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (PA). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

DIAS, Rebeca. et al. O percurso da modernidade arquitetônica de Camilo Porto de Oliveira: da diversidade à simplificação formal. In: SEMINÁRIO DA ARQUITETURA MODERNA NA AMAZÔNIA, 2. Palmas, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1105/1/Anais%20do%20II%20Seminar%C3%A1rio%20de%20Arquitetura%20Moderna%20na%20Amaz%C3%B4nia.pdf>>. Acesso: 05 fev. 2018.

GUIMARÃES, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. Arquitetura Kitsch: suburbana e rural. Ed.: Paz e Terra. Rio de Janeiro, 3ª ed., 2006.

GORELIK, Adrián. Lo Moderno en debate: Ciudad, modernidad, modernización. Universitas Humanística, Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, n. 56, p. 11-27, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79105602>>. Acesso em: 11/04/2017.

LARA, Fernando. Modernismo de Fachada? Considerações sobre a Apropriação Popular das Estética Modernista. In.: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE EDO URBANISMO, v. 7, n.1, Belo Horizonte, 2002. Disponível: <unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/884/859>. Acesso em: 14 nov. 2016.

LARA, Fernando. Modernismo: Elogio ou Imitação? In.: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.12, n. 13, p.171-184, dez. 2005. Disponível: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/783>>. Acesso em 14/11/2016.

LARA, Fernando. Excepcionalidade do Modernismo Brasileiro. São Paulo: Romano Guerra/ Austin: Nhamérica, 2018.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura. Belém: Editora Universitária/UFGPA, 2007.